

114

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data / /
Cod. QFD00076

PROJETO DE PREVENÇÃO AO CÓLERA
NO VALE DO JAVARI - AM

- R E L A T Ó R I O -

Benjamin Constant, maio de 1992

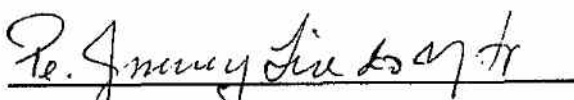
A P R E S E N T A Ç Ã O

Apresentamos o relato das atividades que empreendemos junto e com os povos do Javari, por ocasião da iminência de uma epidemia do cólera na região.

Agradecemos a Fundação Mata Virgem o apoio substancial no sentido de se adquirir meios para que os monitores indígenas de saúde pudessem desenvolver suas visitas às comunidades, que certamente não serão visitadas por ninguém, a curto ou médio prazo.

Esperamos que o espírito de solidariedade entre os povos continue sempre, com renovado ardor.

Benjamin Contant, maio de 1992



Pe. Joseney Lira do Nascimento

P/Diocese do Alto Solimões-AM

1. HISTÓRICO DA ÁREA DO VALE DO JAVARI

O Vale do Javari se localiza na região do Alto Solimões, no extremo-oeste do Estado do Amazonas, próximo à fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia.

Nesta área vivem diversos grupos indígenas distintos, localizados no rio Javari, que delimita a fronteira entre Brasil e Peru, e seus afluentes Curuçã, Quixito, Ituí e Itacoaí, assim como nos rios Jan diatuba e Jutai, afluentes da margem direita do rio Solimões.

No período anterior à fundação da Missão de São Francisco Xavier pelos Jesuítas, localizada abaixo da atual cidade de Benjamin Constant, e à chegada dos Carmelitas no Solimões, não se tem notícias sobre a região do Vale do Javari.

Provavelmente até o séc. XIX, os colonizadores europeus se limitaram a ocupar os grandes rios como o Ucayali, Marañon e o Solimões. Sabe-se que neste período os colonizadores tiveram contatos com os Mayoruna que hoje vivem no interior da região.

Segundo Spix e Martius, por volta de 1820, já algumas expedições são organizadas desde Ega (atual Tefé) para os rios Japurá, Içá, Jutai e Javari à procura de essências naturais e ervas medicinais. O mesmo autor cita o rio Javari como sendo rico em cacau, salsaparrilha e tartarugas, mas acrescenta que os portugueses o evitavam por causa das doenças malignas e dos índios arredios que atacavam as expedições.

Bates, que passou cinco meses em São Paulo de Olivença, entre 1857 e 1858, faz referência aos Mayoruna que tinham tornado a navegação do rio Javari impossível devido a suas tocaias.

Mais tarde, a expedição demarcadora do limite brasileiro e peruano, que subiu o Javari em 1897 foi atacada por índios pouco acima da foz do Batã. Esses índios seriam provavelmente os mesmos que seguiram e atacaram no mesmo local, a expedição de limites de 1866 (Branco:1950, p. 202/203).

Finalmente, os dados históricos existentes demonstram que o Vale do Javari era realmente habitado por índios, todos identificados como Mayruna, que não aceitavam contatos com as frentes de penetração em seu território.

1.1. Colonização e Exploração da Borracha

A partir de 1870 o interior da área do Vale do Javari começou a ser definitivamente ocupado. Em 1874, segundo informações de Branco, o rio Javari (além de outros rios) estava recebendo migrantes provenientes do rio Jari, antigo produtor de borracha do Baixo Amazonas (Branco, 1950, p.206).

Na expedição realizada no rio Javari em 1897, o Capitão Tenente Cunha Gomes relata que o caucho do Alto Rio Javari já se havia acabado, pois para extrair o látex a árvore era derrubada, e os caucheiros peruanos que trabalhavam inicialmente nos afluentes da margem direita do Ucayali, penetravam cada vez mais em território brasileiro, explorando o caucho até os rios Jutaí e Juruá.

Nesta época, enquanto os peruanos eram predominantemente caucheiros, os brasileiros eram seringueiros e ocupavam a parte inferior do curso dos rios onde a seringa se desenvolvia melhor no ambiente das terras alagadiças.

Em 1990 a exploração da borracha nesta região, igualmente a outras áreas da Amazônia, era baseada no sistema de barracão, isto é, de total dependência dos seringueiros para com os patrões que mantinham o monopólio do mercado e o controle dos rios.

Nesta época existia a Vila de Remate de Males, localizada na foz do rio Itacoaí, que era o maior centro comercial de toda a região do Alto Solimões e servia como base e suporte para todo o sistema extrativista da borracha no Vale do Javari. Remate de Males era abastecida pelos navios ingleses provenientes de Liverpool.

Apesar deste período ser de maior penetração e exploração das áreas indígenas, as notícias que se tem sobre os diversos grupos que habitavam a região são escassas.

A partir de 1911 a população não índia começa a abandonar a região por causa da baixa cotação da borracha no mercado internacional e da falência das empresas seringalistas que ali atuavam.

Em 1926, o médico João Braulino de Carvalho afirma que os índios Mayo habitavam o rio Curuçá e o Baixo Javari, estendendo-se até os rios Galvez, Tapiche e Branco. Os Marubo habitavam o rio Jaquirana (que é o próprio rio Javari das suas nascentes até a foz do rio Galvez). Os índios Rêmo tinham tido, não muito tempo antes um aldeamento no rio Batã bastante grande, mas já se achavam reduzidos.

Quanto aos outros grupos indígenas da região, com a desativação dos trabalhos de coleta da borracha, provavelmente tiveram a oportunidade de se recompor e reorganizar-se como povo, até o início da época da exploração da madeira.

1.2. Exploração da madeira

A partir de 1945 a madeira começou a ser valorizada proporcionando um novo impulso na praça comercial do Alto Solimões. As madeiras de lei eram as mais procuradas para serem beneficiadas na cidade de Manaus e exportadas para a Europa. Os rios mais explorados eram o Javari e Itacoaí.

Devido à procura desses produtos naturais nos altos rios, houve reações violentas por parte dos índios que, principalmente na década de 50, provocaram a fuga de muitos madeireiros de seus locais de trabalho. Quando seu território era invadido pelas frentes extrativistas, os índios realizavam incursões e atacavam as turmas de madeireiros, roubando inclusive mulheres e crianças.

O clima de tensão se tornou tal que em algumas ocasiões a própria população de B.Constant e Atalaia do Norte se sentiam ameaçadas por possíveis ataques de índios.

Os patrões, aproveitando a situação de temor da população, solicitaram o auxílio do Exército a fim de "limpar a área" para poder prosseguir suas atividades de extração com tranquilidade, nas áreas ricas em madeira de lei, situadas em pleno território indígena.

A intervenção do Exército se deu mais especificamente nos rios Curuçá e Jaquirana. Infelizmente não se sabe sobre a dimensão dos massacres realizados nas aldeias indígenas. Apenas sabemos que, conforme informações da própria população regional, depois dessa 'intervenção', nunca mais os índios voltaram a atacar.

Diante da solicitação da madeira e da sua alta cotação no mercado nacional e internacional, houve, a partir de 1960 uma expansão do comércio desse produto e conseqüentemente a instalação de novas serrarias no Alto Solimões e na cidade de Manaus. Nesse mesmo período houve um grande crescimento econômico na praça comercial das cidades circunvizinhas. O enfraquecimento e a desvalorização da moeda nacional favoreceu a implantação de empresas extrativistas no país vizinho, Peru. Próximo a Benjamin Constant se encontra uma vila peruana construída por trabalhadores da LASA - grande fábrica flutuante de madeira compensada que é abastecida também com matéria prima do Vale do Javari.

Também a liberação de incentivos financeiros para a extração da madeira pelas diversas agências bancárias da região intensificou a extração desse produto, provocando a penetração sempre maior dos madeireiros em terras indígenas e gerando sérios conflitos e ameaças para a sobrevivência física e cultural dos grupos indígenas dessa área.

O Serviço de Proteção ao Índio (SPI) se instalou na região em 1942, o que para os patrões foi mais uma tentativa de 'amansar' os índios e proporcionar assim um campo livre de trabalho nas terras indígenas. Não houve por parte desse órgão, no decorrer de sua existência, qualquer medida de proteção das áreas indígenas invadidas pela expansão econômica da região. Nem mesmo a FUNAI, órgão do governo responsável pela política indigenista, tem exercido medidas eficazes neste sentido.

2. CONTEXTO ATUAL

Na década de '80 ocorreu uma grande evasão de seringueiros e madeireiros estabelecidos nos altos cursos dos rios Javari, Ituí e Itacoaí, provocada pelas investidas hostis dos índios arredios em defesa de seus territórios constantemente invadidos. De ambos os lados ocorreram mortes, contribuindo desse modo para o aumento da animosidade entre índios e não índios.

A maior parte das famílias se deslocaram para os baixos cursos dos rios Javari e Itacoaí, trabalhando na agricultura de subsistência, pesca e seringa. Por ocasião do inverno muitos se aventuram na extração de madeira nos altos rios, apesar dos riscos.

Em 1985 o governo criou a Área Indígena do Vale do Javari, delimitando uma área equivalente a 85% do Município de Atalaia do Norte, no entanto, nenhuma medida foi tomada para protegê-la e a invasão desta área continuou sendo feita pelas empresas madeireiras de Atalaia do Norte e B. Constant, na maioria das vezes em conivência com o órgão indigenista oficial.

A partir de 1989 instalou-se em B.Constant uma empresa exportadora de palmitos - AGROPALM, sediada em Curitiba, PR. A empresa utiliza o açaí, planta de grande importância na alimentação da população regional, como matéria prima principal. A empresa dispõe de contingente de 150 trabalhadores, sendo que cada um derruba em média cerca de 50 árvores de açaí por dia. Os moradores do Baixo Itacoaí, local onde a empresa está empreendendo sua ação devastadora, estão revoltados com esta situação e preveem para um curto espaço de tempo um desastre ecológico de graves proporções visto que o açaí, mais do que alimento da população, é a principal fonte alimentícia das mais variadas espécies de peixes no período das enchentes, isto sem falar das aves e outros animais.

2.1. Demarcação das áreas indígenas

Medidas concretas para cumprir o prazo constitucional, demarcando todas as áreas indígenas até 1993, estão sendo tomadas a partir de novembro de 1991. A área Indígena do Vale do Javari que abriga 12 etnias, 5 das quais são constituídas por grupos isolados, representando o maior contingente de povos isolados do mundo, está sendo repudiada por madeireiros, políticos e fortes grupos econômicos que temem pelo fracasso de suas empresas abastecidas pelas madeiras provenientes da área indígena.

No início de dezembro '91 o prefeito de B.Constant convocou a população para uma grande passeata contra a demarcação das áreas indígenas do Vale do Javari, o povo que já nutre o preconceito anti-indígena atendeu o apelo comparecendo em massa. Por volta do dia 09/12/91 dois peões madeireiros foram mortos no rio Coari, pequeno afluente da margem direita do rio Ituí, pelos Korubo, grupo isolado localizado pouco acima da

confluência dos rios Itacoaí e Ituí. Os restos dos corpos chegaram em B. Constant no dia (17/12/91), acirrando ainda mais o clima de tensão e medo, preocupa-nos a questão do revide e acertos de contas.

3. QUADRO SANITÁRIO DOS POVOS DO JAVARI

O atendimento prestado pelo órgão indigenista oficial (FUNAI), deteriorou-se com a medida governamental colocando em disponibilidade a metade de seu contingente (aprox. 50 servidores) em disponibilidade. Uma nova medida retirando da FUNAI e passando para a Fundação Nacional de Saúde as responsabilidades desta área, provocou o esvaziamento dos postos de saúde mantidos pela FUNAI, visto que a Fundação Nacional de Saúde não dispõe de quadros ou projetos para o Vale do Javari e a FUNAI, sem verbas, acha-se desobrigada de prestar atendimentos.

3.1. Surto de Cólera no Vale do Javari

O risco da epidemia do cólera que arrazara a vizinha cidade peruana de Iquitos, se fazia iminente no Vale do Javari, dado o contato através de varadouros entre os rios Javari e Marañon, feito por madeiros e índios.

Frente a este quadro a Pastoral Indigenista mobilizou uma equipe composta por três médicos, uma enfermeira e dois colaboradores que durante todo o mês de maio de 1991, percorreu todas as aldeias dos rios Javari e Curuçã, rios que apresentavam maiores riscos de contágio, com os seguintes objetivos:

- Informar sobre o cólera, etiologia (causa), transmissão, quadro clínico e tratamento;
- Discutir sobre os cuidados preventivos nas diferentes realidades;
- Levantar dados demográficos e de saúde em vista da vigilância epidemiológica;
- Prestar atendimento médico, segundo as necessidades locais;
- Encaminhar casos, se necessário.

Mesmo não encontrando algum caso de cólera, a equipe elaborou um importante trabalho de levantamento nas aldeias percorridas e que segue em anexo.

3.2. Formação de Monitores Indígenas de Saúde

Em outubro de '91 a epidemia do cólera agravou-se na região do Javari, atingindo várias comunidades ribeirinhas (não indígenas), próximo ao Estirão do Equador duas pessoas foram vitimadas por este mal e era crescente o número de pessoas contaminadas.

Até então a Operação Cólera do Alto Solimões - OCAS - só atendia as populações ribeirinhas do Vale do Javari, não estava prevista nenhuma ação com relação aos povos indígenas. Para agravar o quadro, neste

mesmo mês quatro crianças marubo da Aldeia PIA-Curuçá morreram vitimadas pela coqueluche em um surto que atingiu toda a aldeia.

Tal situação fez com que o bispo do Alto Solimões, D. Alcimar, Darcy Comapa, Coord. do CIVAJA - Conselho Indígena do Vale do Javari, Médicos Sem Fronteiras e Pastoral Indigenista combassem da OCAS uma ação emergencial para o Vale do Javari visando a capacitação de monitores indígenas de saúde para a prevenção e combate ao cólera.

Neste Plano de Emergência a Pastoral Indigenista bancou a infraestrutura, a OCAS responsabilizou-se pelo transporte dos monitores via helicópteros, o CIVAJA encarregou-se de escolher os candidatos e os Médicos Sem Fronteiras em ministrar os cursos de capacitação.

Os cursos ocorreram em B.Constant e sendo capacitados dez monitores das etnias: Marubo, Kanamari, Matis e Matsés.

3.3. Aquisição de Barcos pela Fundação Mata Virgem p/ Monitores

Em dezembro de '91 recebemos de Fundação Mata Virgem, através de Carlos Pinagé a informação de que teriam recursos a serem aplicados no Vale do Javari para ações de combate ao cólera. Visto que a Prefeitura de Atalaia do Norte não contemplou as comunidades indígenas no repasse de motores de popa para os monitores de saúde indígenas, achamos por bem, após consultar algumas lideranças indígenas presentes em Atalaia, aplicar tais recursos na aquisição de barcos e na realização de uma nova viagem à area para reforçar os trabalhos dos monitores.

Elaboramos o orçamento contemplando uma viagem aos rios Javari e Curuçá, e a aquisição de quatro barcos equipados com motores de popa. Quando os recursos chegaram o orçamento estava defasado, pois fora elaborado com base nos preços de Letícia - Colômbia, que na ocasião ficava bem mais em conta que Manaus. Com a desvalorização do cruzeiro o orçamento ficou defasado dando apenas para a compra de três barcos equipados com motores e o pagamento do frete entre Manaus e B.Constant. Considerando importante a realização da viagem a Diocese do Alto Soimões alocou recursos para sua realização, que em seguida passamos a descrever.

4. VIAGEM ÀS ALDEIAS INDÍGENAS DOS RIOS JAVARI E CURUÇÁ

Após a preparação do Barco Seringueiro VI e alocação de pessoas para a composição da equipe, que ficou assim constituída: Comandante - D. Alcimar; Enfermeira - Irmã Celina; Serviços Gerais - Pe. Joseney Lira e Frei Celso, Motorista e Prático - Edvaldo e Almério Vadick, iniciamos a viagem com os seguintes objetivos:

- Obter dados sobre a proliferação do cólera;
- Avaliar o desempenho dos monitores indígenas e da política governamental de combate ao cólera;
- Prestar atendimentos médicos, segundo necessidades locais;

- Distribuir medicamentos enviados pela Fundação Mata Virgem e proceder a entrega dos barcos doados pela mesma entidade;

4. Roteiro da Viagem

Dia 23/03/92 - Partimos de Tabatinga por volta das 16:00hs, decorrida uma hora de viagem chegamos em B.Constant. Após abastecimento com gás de cozinha, água potável, munição para caça e reparos na bomba hidráulica, partimos para Atalaia do Norte às 21:30hs onde chegamos por volta das 12:50hs. Pernoitamos no porto.

Dia 24/03/92 - Amanhecemos em Atalaia e aproveitamos para manter relações com a equipe da Funai. Aquirimos alguns medicamentos e nos dispusemos a levar o atendente de enfermagem do Posto PIA - Curuçá, mas este chegou que não encontrava preparado para a viagem. Por volta das 10:00 hs partimos de Atalaia, como estratégia de viagem adotamos a seguinte postura - só parar na subida para atender casos de emergência e realizar os encontros na baixada, em vista da economia de tempo.

Dia 25/03/92 - Por volta das 14:30hs paramos para atender um chamado dos Kanamari da Aldeia Irari. Irmã Celina prestou atendimento a um índio de idade, que sofrera uma queda e encontrava-se com a clavícula bastante inflamada. Após medicação e distribuição de remédios seguimos viagem. Por volta das 23:00hs paramos o barco e pernoitamos.

Dia 26/03/92 - Seguimos viagem as 05:00 da manhã, pelas 10:00 hs. paramos na comunidade dos índios Iawas no lado peruano onde atemos duas pessoas que contrairam malária. Segundo informações, ninguém até o momento contraiu o cólera, mas preocupa-nas um varadouro que liga esta comunidade ao povoado de San Pablo, no rio Marañon, onde a incidência do cólera foi alta e ainda se faz presente. Após contatos e medicações seguimos viagem, por volta das 21:00hs entramos no rio Curuçá, navegamos até as 23:00 hs. e pernoitamos.

Dia 27/03/92 - As 04:00hs. seguimos em frente e as 10:00hs fomos obrigados a parar, sob o risco de naufrágio pois uma parte do calafete se soltou e o barco fazia muita água. Após 3 horas de trabalho, enfretando uma forte nuvem de "piuns", conseguimos improvisar um calafete e seguimos viagem. Por volta das 23:00hs. paramos próximo a casa do seringueiro Rufino para pernoite.

Dia 28/03/92 - Partimos as 4:00hs, às 17:00hs. chegamos na confluência do rio Pardo, tributário da margem esquerda do rio Curuçá. Paramos o motor para resolver um problema mecânico e logo em seguida partimos, às 22:00hs. chegamos no Posto PIA - Curuçá da tribo Marubo. Mantivemos contatos com alguns índios que foram até o porto e pernoitamos.

Dia 29/03/92 - Amanhecemos no Posto, visitamos as malocas e lideranças locais, combinamos para a volta o nosso encontro, haja visto que o

rio Curuçá dera sinal de vazante. Irmã Celina atendeu várias pessoas e manteve contato com o monitor de prevenção ao cólera, Manoel Comapa. Por volta das 09:00hs partimos do Pia-Curuçá com destino ao Maronal, a etapa mais difícil da viagem. As 13:00hs para para pescar e caçar enquanto o motorista realizava alguns reparos na máquina. A demora foi em torno de duas horas, retomamos a viagem e às 18:30hs. chegamos na confluência do rio Arrojo, tributário da margem direita do rio Curuçá, onde pernoitamos. Decidimos que o barco Seringueiro ficaria nos aguardando neste local, caso o rio baixasse mais o mesmo deveria descer para o Posto e nos aguardar.

Dia 30/03/92 - As 05:00 hs. seguimos de voadeira, motor Yamaha 25Hp com as seguintes pessoas: D.Alcimar, Pe. Joseney, Frei Celso e o marubo' Darcy Comapa. Os demais integrantes ficariam no barco nos aguardando e providenciando mantimentos para volta com caça e pesca. As 10:00hs. encontramos o jovem marubo Ivan Batalha com um grupo de índios trabalhando madeira, combianamos com eles o encontro que aconteceria no Posto. Seguímos viagem e durante o trajeto encontramos vários vestígios de antas, capivaras, queixadas, tartarugas, grande quantidade de jacarés e bandos de araras azuis, parece que esta região é o local privilegiado desta espécie em extinção.

Às 15:30 chegamos no Maronal, mais especificamente, na maloca do Alfredo Barbosa, que é o "Kakaia", chefe, do local. Fomos recebidos por César Sebastião, que é monitor do cólera. Após o jantar acertamos com as lideranças um encontro para a manhã seguinte, durante a noite, após estes contatos nos dirigimos à casa destinada aos hóspedes e adormecemos.

Dia 31/03/92 - Após o café, nos dividimos em dois grupos para verificar "in loco" a situação das malocas localizadas acima e abaixo da maloca do Alfredo. D. Alcimar e César visitariam as de baixo, Pe. Joseney, Darcy e Frei Celso, as de cima, a última ficava a 50 minutos de voadeira da Aldeia do Alfredo. Regressamos à tardinha, conversamos sobre o que vimos e ouvimos, constatamos que esta aldeia é a que apresenta o melhor quadro sanitário, dada as condições limpesa e higiene que se observa tanto no interior, como exterior das malocas. Os índios apresentam, no geral, um excelente porte físico, não se viu nenhum com dentes cariados. D. Alcimar nos relatou que cedeu parte de nosso combustível da volta para atender um índio que fora picado por uma cobra jararaca. O atendente de saúde da Funai já saiu para socorrê-lo. Após o jantar nos reunimos com lideranças de todas as malocas para a nossa reunião.

Encontro no Maronal

No encontro nos propomos a discutir a situação da saúde. Informaram nos que a Funai mantém um Posto com atendente de enfermagem, que funciona em precárias condições. O atendente não possui combustível para visitar as malocas e encaminhar casos de emergência, como o ocorrido da pica

da de cobra na tarde de hoje. Os índios construíram um novo Posto para o monitor do cólera, este é bem mais organizado que o da Funai e é considerado pelos marubo como "o nosso posto". Segundo relato do monitor do cólera César, até o momento não ocorreu nenhum caso de cólera no Maronal, o seu trabalho limita-se a guardar medicação, tratar a água potável e estar atento para os sintomas da doença.

A notícia de que a FMV destinara um barco para esta aldeia foi alegremente recebida por todos, pois a distância entre as aldeias sempre foi um grande impecilho para o trabalho dos monitores de saúde. Discutiu-se a melhor forma de utilização do barco, quem ficaria responsável, necessidade de manutenção etc. Deixou-se claro que o mesmo deverá ser utilizado somente nas ações de saúde, nunca para rebocar madeira e realizar viagens de interesses pessoais.

As lideranças concordaram com estas determinações e solicitaram um treinamento para a pessoa que cuidará do barco, Alfredo garantiu que fiscalizará de perto para que ninguém faça o uso indevido do mesmo.

Informamos também do projeto em tramitação com os Médicos Sem Fronteiras destinado a formar monitores de saúde de todas as comunidades indígenas do Javari, a exemplo do que ocorreu no Solimões com os Ticuna. Para não criar uma falsa expectativa ressalvamos que a resposta definitiva seria dada no mês de maio. O encontro durou um pouco mais de duas horas, participaram todos os chefes de maloca do Maronal, João Tuxáua, espécie de patriarca dos marubo, participou ativamente do encontro, pedindo explicações e formulando perguntas.

Dia 01/04/92 - Descida do Maronal

Às 07:00 iniciamos a viagem de descida do Maronal, certos de que a gasolina cedida para socorrer o índio picado pela cobra nos faria falta, sendo assim conduzimos o barco em marcha lenta, na tentativa de economizar ao máxima a gasolina. Por volta das 11:00hs Darcy presentiu a proximidade de um bando de queixadas, paramos o barco e em pouco tempo dois porcos foram abatidos, tínhamos portanto, alimentação suficiente para qualquer eventualidade.

Ao entardecer, por volta das 17:00hs, um pouco abaixo do Igarapé Barrigudo o combustível acabou... Estabelecemos turnos de remadores para manter o barco no rumo certo, longe das margens e dos paus, para a nossa sorte não choveu durante a noite...

Dia 02/04/92 - Após navegarmos a noite inteira, chegamos por volta das 07:00hs na confluência com o rio Arrojo onde o barco Seringueiro nos aguardava, iniciamos imediatamente a viagem de descida com destino ao Pia Curuçã onde chegamos por volta das 15:30.

Morte de uma criança Kulina

- Chegando ao Posto encontramos uma criança Kulina gravemente en-

em consequência de uma queda do assoalho de sua casa, no Igarapé Todos os Santos. A criança estava sendo socorrida pelos marubo, pois o Posto da Funai encontrava-se fechado e o atendente ainda permanecia em Atalaia do Norte. Verificamos o estado geral da criança e constatamos a gravidade do caso. Acionamos o rádio de nosso barco e mantivemos contato com o pessoal ligado ao controle dos helicópteros em Tabatinga, solicitamos prestação de socorro urgente, pois em Tabatinga talvez se conseguisse salvar a criança. Ao chegar em Atalaia soubemos que o helicóptero fora socorrer a criança, mas quando deu entrada no Hospital de Tabatinga veio a falecer, causa mortis: Traumatismo craniano...

ENCONTRO NO PIA CURUÇÁ

A noite tivemos a reunião com as pessoas desta comunidade. com participação de todos os moradores, estavam também presentes algumas famílias Kulina do Igarapé Todos os Santos.

O monitor do Cólera Manoel Comapa fez um breve relato de suas atividades, disse que até então não se verificara nenhum caso na Aldeia ' Pia Curuçá, o mesmo ocorrendo com os Kulina do Igarapé Todos os Santos. Disse possuir remédios suficientes para o tratamento do cólera e o que mais dificultava sua ação era a dificuldade de visitar os Kulina do Igarapé Todos os Santos e prestar atendimento de casos urgentes ocorridos fora da aldeia.

Relatamos que a comunidade recebera um barco doado por FMV para ser utilizado nos atendimentos sanitários. Caberia ao monitor zelar para que este instrumento de trabalho fosse de verdadeira utilidade para os Kulina e Marubo.

As mães das crianças que morreram vitimadas pela coqueluche em outubro de '91, queixaram-se da assistência sanitária dada pela Funai, solicitaram que cobrássemos da Funai a permanência do atendente de saúde no Posto bem como o envio de medicamentos.

Dia 03/04/91 - Por volta das 05:00hs iniciamos a viagem de volta, navegamos o dia inteiro, parando nas comunidades ribeirinhas que solicitavam socorro.

Dia 04/04/92 - Paramos para descascar na Comunidade de Caxias no rio Javari.

Dia 05/04/92 - Por volta das 07:00 partimos de Caxias e após navegarmos um pouco mais de uma hora chegamos na Aldeia S. Luís, dos índios Kanamari. Realizamos um encontro a céu aberto, com a participação de toda a comunidade. Fomos informados que o monitor do cólera encontrava-se em Atalaia participando de um curso de capacitação.

Dentre as aldeias do Javari que conhecemos, a de S. Luís nos parece ser a mais sofrida. Tanto a escola como o posto de saúde, ambos mantidos pela Funai encontram-se completamente abandonados. Tivemos que jogar fora vários medicamentos que já estavam vencidos. Os índios queixam-se da ausência de funcionários da Funai, que passam pela frente da

aldeia e não param, mesmo quando chamados. A aldeia causa má impressão pela sujeira e pela conseqüente falta de higiene de seu moradores, dando a impressão de mulambos ambulantes. Embora não tenha ocorrido casos de cólera, com certeza, este é um local propício para a proliferação do vibrião colérico. Para reverter este quadro faz-se necessária a permanência de uma equipe de saúde neste local, por um bom tempo.

Por volta das 11:30hs partimos do S. Luís com destino a Aldeia do Lameirão, dos índios Matsés.

Dia 06/05/92 - Após sairmos de S. Luís e navegarmos a noite inteiramente chegamos por volta das 05:00hs na Aldeia Lameirão. Na escola, reunimos com representantes de todas as famílias da aldeia. O monitor do cólera estava em Atalaia participando de um curso de capacitação, segundo informações dos presentes ainda não ocorrera nenhum caso nesta aldeia, o atendente de saúde da Funai aparece de vez em quando. Os casos urgentes são encaminhados à Atalaia, dada a relativa proximidade da aldeia. Pelo que constatamos há suficiente medicação anti-cólera no posto e o tratamento de água potável na base do hipocloreto de sódio é observado.

Alguns chefes de família nos procuraram e mostraram-se insatisfeitos em permanecer neste local, querem a todo custo voltar para o Rio Parado, local de origem da maioria dos componentes desta aldeia, pediram nosso apoio para removê-los. Dissemos que levaríamos estas preocupações para a Funai e acompanharíamos com muito interesse esta solicitação.

Após o encontro visitamos algumas comunidades ribeirinhas, prestando assistência médica e ouvindo suas reivindicações.

Dia 07/05/92 - Por volta das 22:00hs chegamos em Atalaia do Norte onde pernoitamos e encerramos a viagem.

5. CONCLUSÃO

A viagem que realizamos bem como o repasse dos barcos para auxiliar os monitores indígenas de saúde, poderá desencadear um processo de auto-afirmação das comunidades indígenas no sentido de assumirem a condução de uma política de saúde séria para a região.

Neste processo os índios estão percebendo que não estão sozinhos, tem muita gente querendo ajudá-los, sem querer nada em troca. Esta foi talvez a experiência que sentiram quando da entrega dos barcos. Nunca deu-se alguma coisa para esses índios sem exigir o preço. Um velho índio do Pia-Curuçã confessou-me: alguma coisa está mudando...

PROJETO DE PREVENÇÃO AO CÓLERA
VALE DO RIO JAVARI - AM

Quant.	Discriminação	ENTRADA	SAÍDA
	Receita		
	1. Fundação Mata Virgem	11.960.000,00	
	2. Diocese do Alto Solimões	3.366.000,00	
	Despesas Barcos e Motores		
01	Canoa alumínio mod.Aruak 600		1.650.000,00
01	Motor de popa Yamaha 25 HP		2.500.000,00
03	Barcos alumínio mod.Delfin		3.040.000,00
03	Motor de popa Yamaha 15HP		5.550.000,00
	Frete motores e barcos		840.000,00
	Despesas c/ Viagem		
	Alimentação		400.000,00
	Combustível		1.046.000,00
	Motorista		300.000,00
	TOTAL	15.326.000,00	15.326.000,00

S a l d o

- 0 -